

Perceção de acontecimentos de vida negativos, depressão e risco de suicídio em jovens adultos

Ana Teresa Sobrinho* / Rui C. Campos*

* Departamento de Psicologia, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora

Este trabalho teve como objetivo testar dois modelos de previsão do risco de suicídio que assumem que a depressão medeia a relação entre a frequência e a intensidade de acontecimentos de vida percebidos como negativos e o risco de suicídio. Foi controlado o efeito da idade e do género dos participantes. Os dados foram recolhidos em dois momentos diferentes com um intervalo de cinco meses. Participaram 165 jovens adultos (41 homens e 121 mulheres) que responderam ao *Life Experiences Survey*, à Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos e ao Questionário de Comportamentos Suicidários – Revisto. Os dois modelos de equações estruturais testados ajustam-se aos dados de forma satisfatória. A depressão medeia a relação entre a frequência e a intensidade dos acontecimentos de vida percebidos como negativos e o risco de suicídio. Os resultados são discutidos nas suas implicações para a prática clínica, demonstrando a importância de avaliar a história de vida recente do indivíduo relativamente à percepção que este tem de determinadas experiências de vida, dado que estas podem conduzir à depressão que por sua vez aumento o risco suicidário.

Palavras-chave: Acontecimentos de vida negativos, Depressão, Risco de suicídio, Jovens adultos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012) o suicídio constitui uma das principais causas de morte em todo o mundo, sendo considerado um problema de saúde pública. Em cada ano morre quase um milhão de pessoas por suicídio. É esperado que em 2020 o suicídio atinja uma percentagem de 2.4% do total de mortalidade em todo o mundo. A estes dados acresce que as tentativas de suicídio não consumadas atingem um valor até cerca de 20 vezes superior ao suicídio consumado (Fotti, Katz, Afifi, & Cox, 2006). Na entrada na vida adulta o risco de suicídio exacerba-se (e.g., Hooven, Snedker & Thompson, 2012; Kessler, Berglund, Borges, Nock, & Wang, 2005; Nock et al., 2008) constituindo a segunda causa de morte em todo o mundo (OMS, 2012).

O aumento do risco de suicídio neste período desenvolvimental (adultícia jovem) pode ter a ver, em grande parte, com a ocorrência de diversos acontecimentos de vida significativos, que podem em alguns indivíduos ter um impacto desestruturante. Quando o indivíduo não consegue manter o equilíbrio interno e um sentimento de bem-estar psicológico em resposta a um aumento do stress, o desenvolvimento de algum tipo de psicopatologia pode ocorrer (e.g., Allam, 2011; Garroutte et al., 2003; Marshal, 2003; O'Donnell, O'Donnell, Wardlaw, & Stueve, 2004), sendo a sintomatologia depressiva muito frequente (e.g., Galambos, Barker, & Krahn, 2006; Mongrain & Zuroff, 1994).

Não são os acontecimentos de vida só por si que podem conduzir a alterações emocionais, mas sim a forma como são percebidos pelo indivíduo. Segundo Sarason, Johnson e Siegel (1978) os

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Rui C. Campos, Departamento de Psicologia, Universidade de Évora, Apartado 94, 7002-554 Évora. E-mail: rccampos@uevora.pt